

EXPOSIÇÃO CURRICULAR MUSEOLOGIA UFRGS: BRASIL: VERMELHO COMO BRASA EM DIÁLOGO COM OS ESTUDOS DECOLONIAIS

Jaqueline Damaceno¹
Júlia Losankas²

Resumo: Este artigo é fruto da produção escrita realizada na disciplina Expografia I, no curso de graduação em museologia da UFSC, momento em que se sugeriu analisar uma exposição curricular que discorre sobre a construção de uma identidade nacional de forma crítica. A exposição curricular analisada foi “Brasil: Vermelho como Brasa” realizada em 2022, na UFRGS³. Correlacionada aos estudos decoloniais de Aníbal Quijano (2005), proporcionou um debate enriquecedor acerca das estruturas coloniais e relações de poder que rodeiam a sociedade com foco no contexto latino-americano. Objetivando complementar e enriquecer esses estudos, esse escrito perspectiva analisar de forma crítica os efeitos da colonialidade na sociedade e mais especificamente dentro do cenário museológico através da observação acerca do projeto expográfico proposto. Deste modo, discussão benéfica para o cenário acadêmico e para os demais nichos sociais, posto que traz os estudos decoloniais para a museologia e integra a museologia dentro dos estudos que permeiam a comunidade.

Palavras-chave: Decolonialidade. Expografia. Colonização. Modernidade.

¹Graduanda em Museologia pela Universidade Federal de Santa Catarina; Centro de Filosofia e Ciências Humanas. E-mail: jaqueline2019003513@gmail.com.

² Graduanda de Museologia pela Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. E-mail: losankasjulia@gmail.com

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

CURRICULAR EXHIBITION MUSEOLOGY UFRGS: BRAZIL: RED AS EMBER IN DIALOGUE WITH DECOLONIAL STUDIES

Abstract: *This article is the result of the written production carried out in the Museography I discipline, in the undergraduate course in museology at UFSC, a moment when it was suggested to analyze a curricular exhibition that discusses the construction of a national identity in a critical way. The analyzed curricular exhibition was "Brazil: Red as Embers", held in 2022, at UFRGS. Correlated with the decolonial studies of Aníbal Quijano (2005), it provided an enriching debate about the colonial structures and power relations that surround society, with a focus on the Latin American context. Aiming to complement and enrich these studies, this writing aims to critically analyze the effects of coloniality in society and more specifically within the museological scenario through the observation of the proposed exhibition project. A discussion beneficial to the academic scenario and to other social niches, as it brings decolonial studies to museology as much as it integrates museology within the studies that permeate the community.*

Key words: *Decoloniality. Expography. Colonization. Modernity.*

EXPOSIÇÃO CURRICULAR MUSEOLOGIA UFRGS: BRASIL: VERMELHO COMO BRASA EM DIÁLOGO COM OS ESTUDOS DECOLONIAIS

Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar o projeto da exposição curricular “*Brasil: Vermelho como Brasa*” em paralelo com os estudos decoloniais no que tange o conjunto sistemático de enunciados teóricos que revisitam a questão do poder na modernidade, reconhecendo seu potencial informacional para a comunidade acadêmica, especialmente à graduação de museologia, e por conseguinte, servir como possível referência para projetos expográficos. Considerando a crescente demanda de divulgação dos projetos de exposição curricular na área de museologia, este escrito contribui para a socialização do conhecimento e aprendizado no campo.

A exposição

A exposição curricular de curta duração “Brasil: Vermelho como Brasa” de 2022, surge como proposta de visão plural da identidade nacional brasileira, desafiando os enunciados hegemônicos e promovendo reflexões sobre as histórias e memórias do país e intencionada a questionar a narrativa de uma unidade nacional homogênea, evidenciando a diversidade e desigualdade dentro do Brasil contemporâneo. A exposição organiza-se em núcleos temáticos que aprofundam essas questões, conforme descrito a seguir:

Para materializar as discussões propostas, foram delineados três núcleos para trabalhar as reflexões do nosso cotidiano. O Núcleo 1, primeiro ambiente que conhecemos, a casa; Núcleo 2, a escola, o primeiro local de convívio; seguido do núcleo 3, a Rua, evidenciando as desigualdades presentes nesses espaços e suas diversas formas de manifestação. (Kern *et al.*, 2022).

Ao explorar diversas realidades, a exposição aborda as cores e dores da brasilidade, buscando compreender o que significa ser brasileiro na atualidade e qual nação idealizamos futuramente.

Dentro desse simbolismo, a paleta selecionada pelo núcleo de comunicação conecta a uma reinterpretação desses elementos. O uso do verde, amarelo e azul foram escolhidos em alusão à Bandeira Nacional. Já o vermelho, foi escolhido após debates a respeito da etimologia da palavra Brasil e suas implicações. (Kern *et al.*, 2022, p.87-88).

A escolha dessas cores, sob certos aspectos, está atrelada a sua presença na história do país e de que forma contribuem para a construção de sua identidade. Dispondo de um título que abrange essa mesma questão, representa também o sangue derramado nessa terra, em contraponto com as imagens que sempre circundam o imaginário verde e amarelo brasileiro, da bandeira, do uniforme de futebol, das passeatas cívico-militares, rastros do colonialismo (Kern et al, 2022, p.17).

Agregada a essa perspectiva, encontram-se as pesquisas feitas nos anos 90 por Aníbal Quijano, autor referenciado também pelas curadoras da expografia, responsável por desencadear uma série de questões histórico-sociais que já eram consideradas resolvidas nas ciências sociais latino-americanas. Implicando um reexame que explicita o íntimo vínculo da modernidade com a colonialidade.

Esses estudos precederam o que Arturo Escobar (2005) denomina Projeto Modernidade/Colonialidade/Decolonialidade e, de fato, resultaram em uma sistematização mais profunda dessas linhas de pesquisa. Isso resultou no aumento do alcance desse debate e se tornou uma espécie de confluência entre os subalternos e os pós-coloniais, que são compreensivelmente semelhantes, mas não sinônimos.

As pesquisas de Renajit Guha (2011) influenciadas pelo marxismo gramsciano, emergiram como uma crítica importante ao eurocentrismo e às dinâmicas do colonialismo. Enfatizam a importância de dar voz e visibilidade às classes sociais subalternas, aquelas que estavam fora do alcance político e cultural das elites coloniais. No entanto, houve uma limitação perceptível em sua abordagem.

O enfoque em documentar experiências e perspectivas das classes subalternas omitiu um verdadeiro comprometimento a fim de dismantlar o sistema colonial. Esta crítica sugere que os estudos subalternos limitam sua contribuição para o dismantelamento do sistema colonial. Apesar de sua relevância, muitas vezes restringem-se a tratar essas classes como objetos de análise, sem reconhecer plenamente seu potencial transformador ou promover uma descolonização efetiva.

Em contraste, o projeto expográfico assume um compromisso explícito com a desconstrução de narrativas hegemônicas, destacando como a construção da identidade nacional brasileira envolve processos profundos e excludentes, como o afastamento social e a austeridade estatal⁴. Busca então não apenas expor os mecanismos de

⁴ Política econômica baseada na diminuição dos gastos públicos e na restrição do papel do Estado como impulsionador do crescimento econômico e promotor do bem-estar social. (Rossi, 2019)

exclusão, mas também incentivar reflexões críticas que promovam transformações sociais e políticas para além da teorização.

Além disso, problematizam a narrativa de uma única brasilidade, que homogeneiza a vasta multiplicidade cultural, formatando-a num "sonho americano"⁵ fora de contexto, longe da realidade América Latina. Enquanto os estudos pós-coloniais examinam as dinâmicas do colonialismo e suas implicações nas identidades culturais das ex-colônias, eles frequentemente negligenciam as particularidades do Brasil.

A identidade brasileira é marcada por uma interseção única de culturas indígenas, africanas e europeias, profundamente influenciada pela violência da colonização e pela imposição de padrões eurocêntricos. Nesse cenário, a Exposição oferece um contraponto fundamental ao propor uma reflexão que não apenas reconhece, mas valoriza a pluralidade cultural e histórica do Brasil.

Os estudos pós-coloniais, corrente acadêmica que se originou em centros de produção acadêmica predominantes nos países chamados de países de "primeiro mundo"⁶, como os Estados Unidos e o Reino Unido, foram fortemente influenciados pelo pós-modernismo e pelo pós-estruturalismo, duas correntes teóricas que enfatizam a desconstrução das grandes narrativas e a análise das relações de poder.

Eles examinam como as narrativas coloniais e os discursos dominantes moldam as identidades, as hierarquias sociais e as estruturas de poder em sociedades pós-coloniais. Essa abordagem teve um sucesso editorial considerável nos centros acadêmicos destes países, o que significa que suas ideias e teorias foram amplamente difundidas e influentes nessas regiões.

Os estudos pós-coloniais também influenciaram significativamente a produção intelectual em regiões periféricas, onde comunidades acadêmicas buscaram compreender e contestar o legado do colonialismo ao analisar os discursos dominantes sob perspectivas alternativas.

Nesse contexto, essa exposição se insere como um exemplo prático de crítica decolonial, utilizando a museologia como uma ferramenta de conscientização social. A análise considera as diferenças entre os estudos subalternos, o pós-colonialismo e a

⁵ Termo que consiste na defesa da ideia de que qualquer pessoa pode alcançar o sucesso, independentemente da sua classe social, por meio de trabalho árduo, liberdade econômica e autossuficiência. (Poppelaars, 2021)

⁶ Termo pertencente à "Teoria dos mundos". Utilizado a partir da segunda metade do século XX para a divisão do espaço mundial em três grupos de países: de primeiro, de segundo e de terceiro mundo. Os critérios para a sua classificação eram baseados no alinhamento político e ideológico e no nível de desenvolvimento social e econômico. A terminologia caiu em desuso, mas ainda é empregada em algumas ocasiões (Da Costa, 2008).

decolonialidade, explorando como esses campos diversificam as abordagens teóricas e ampliam os instrumentos analíticos, enriquecendo a problematização da colonialidade e suas implicações na sociedade contemporânea.

Modernidade, colonialidade, decolonialidade

Os estudos decoloniais revisitam a questão do poder na modernidade, destacando seis pontos principais: 1.A modernidade tem suas origens na conquista da América e no controle do Atlântico pela Europa, não no Iluminismo ou na Revolução Industrial; 2.Há ênfase na estruturação do poder através do colonialismo e das dinâmicas do sistema-mundo moderno/capitalista, com formas específicas de acumulação e exploração global; 3.A modernidade é vista como um fenômeno planetário de relações assimétricas de poder, não como algo produzido na Europa e estendido ao mundo; 4.As relações de poder entre a Europa e seus "outros" são assimétricas e constitutivas da modernidade, levando à subalternização dos povos dominados; 5.A subalternização da maioria da população mundial ocorre através do controle do trabalho e da intersubjetividade; 6.O eurocentrismo/ocidentalismo é identificado como a forma específica de produção de conhecimento e subjetividades (Quintero; Figueira; Elizalde, 2019).

A exposição reflete essas problematizações quando destaca a importância dos processos históricos na formação da identidade nacional brasileira. Desde o período colonial até a independência, uma série de eventos sociais e políticos ocorreram e contribuíram para moldar as representações do Brasil.

Durante a colonização, por exemplo, o país foi visto e representado de diferentes maneiras por intelectuais estrangeiros. Suas obras e relatos contribuíram para a construção de narrativas sobre o país que acabaram por influenciar a forma como os brasileiros e o mundo percebiam a nação. Essas representações, muitas vezes exóticas ou estereotipadas, tiveram um impacto significativo na maneira como a identidade nacional brasileira foi concebida e transmitida ao longo do tempo.

Também são discutidos os impactos da exclusão e marginalização de grupos étnicos e raciais na formação da identidade nacional. Esse processo, iniciado durante o período colonial e fortalecido pelo nacionalismo étnico do século XIX, contribuiu para a desigualdade histórica entre diferentes segmentos da população brasileira.

Responsável também por indiretamente definir os locais de pertencimento de acordo com raça e etnia de forma normalizada, significando espaços institucionalizados específicos com um público majoritário sem levantar muitos questionamentos sobre a ausência de não brancos no espaço. Discurso que propagou a discriminação, violência e que ainda atua basicamente como uma resposta válida para o negacionismo dessa estruturação colonizadora e excludente.

A categoria colonialidade do poder, proposta por Quijano (2005), desvela a face oculta da modernidade, entrelaçando operações epistêmicas anteriores e nomeando a matriz de poder moderna. Configura-se com a conquista da América, marcando o início da interconexão mundial e do modo de produção capitalista.

A colonialidade do poder organiza um sistema de dominação cultural e exploração social global, afetando todas as áreas da existência social. Essa matriz colonial do poder persiste mesmo após os processos de independência latino-americana, moldando as sociedades da região e perpetuando estruturas sociais de matriz colonial.

A colonialidade modela as instituições das novas repúblicas, criando uma estratificação sociorracial entre "brancos" e outras "tipologias raciais". Isso resulta na dominação e exploração das majorias indígenas, afrodescendentes e mestiças, impossibilitando uma verdadeira democratização na região e gerando conflitos sociais inerentes.

Do mesmo modo, "Brasil: Vermelho como Brasa" propõe uma análise crítica sobre a construção da identidade nacional brasileira, que envolveu aspectos étnicos, linguísticos, religiosos e culturais, evidenciando como a colonialidade ainda molda a ideia de brasilidade em um contexto contemporâneo.

Segundo a equipe curadora, um dos principais objetivos da curadoria da exposição curricular foi propor reflexões acerca das múltiplas ideias do que é o Brasil e o que é entendido como brasilidade em um contexto contemporâneo.

No núcleo Rua, por exemplo, são discutidas questões relacionadas às lutas sociais, colonialidade, arte urbana, população em situação de rua, apropriação de símbolos nacionais e movimentos políticos. A rua, nesse contexto, é apresentada como um espaço de resistência e reflexão sobre como a arquitetura e as políticas públicas podem ser ferramentas tanto de inclusão quanto de exclusão, evidenciando as dinâmicas de poder que ainda organizam a sociedade brasileira. (figura 1 e 2).

Figura 1: Registro fotográfico do núcleo Rua



Figura 2: Registro fotográfico do núcleo Rua



Fonte: Exposição Brasil: vermelho como Brasa, 2022

Essa tentativa de homogeneização da população resultou na exclusão e marginalização de grupos indígenas e negros, que foram vistos como diferentes da identidade nacional imposta. Esse processo teve início na fase do "nacionalismo étnico"⁷, conforme descrito por Eric Hobsbawm (1991), e foi fortalecido por migrações e teorias científicas raciais como o darwinismo social, alimentando ideais racistas e contribuindo para a desigualdade histórica dessas populações.

⁷ Se trata de uma forma de nacionalismo em que o conceito de "nação" é definido através da etnicidade. (Hobsbawm, 1991)

Perquirindo o que significa ser brasileiro, se existe tal definição única de brasilidade, cabem as colocações de Renato Ortiz (1994), que questiona quem são os responsáveis por construir essa identidade nacional e a que interesses ela serve. Tentar estabelecer um conceito único de brasilidade é absolutamente restritivo, levando à exclusão e estereotipação, pois desconsidera a desigualdade e a diversidade cultural do país.

Esse processo de diferenciação e distinção entre diferentes grupos também está relacionado à desigualdade, que é o tema central deste projeto curatorial. A exposição busca debater e apresentar informações científicas e culturais que representem a brasilidade, mostrando como esses elementos estão interligados e influenciam a desigualdade social, racial e de gênero no Brasil contemporâneo.

O texto da exposição destaca a persistência de resquícios da colonização europeia na contemporaneidade brasileira, evidenciada pela relação de violência com os povos indígenas e quilombolas e pelo domínio do agronegócio sobre a produção de alimentos (Kern *et al.*, 2022. p.53.). A Museologia é vista como uma ferramenta capaz de promover essa transformação e ressignificação das relações com a historicidade, contribuindo para a construção de uma narrativa mais diversa e representativa da identidade nacional.

Os estudos decoloniais

O desenvolvimento dos estudos decoloniais seguiu dois principais caminhos. Um deles envolveu a expansão conceitual da decolonialidade, com destaque para a categoria da "colonialidade do poder". Isso levou à proposição de conceitos como "colonialidade do saber" fundamentado por Edgardo Lander (2000), que enfoca o caráter eurocêntrico do conhecimento moderno e sua relação com a dominação colonial. Esse vínculo entre conhecimento e poder é crucial para entender as relações de poder assimétricas que são legitimadas pela construção discursiva dos saberes sociais modernos.

A "colonialidade do ser", proposta por Nelson Maldonado-Torres (2007), compreende a modernidade como uma contínua conquista na qual a ideia de "raça" é usada para justificar a subjugação do outro. Ele destaca a relação entre a colonialidade do conhecimento e a do ser, argumentando que a centralidade do conhecimento na modernidade leva à desqualificação epistêmica do outro, negando sua existência. Essa desqualificação reflete uma negação ontológica, revelando um sistema de pensamento

que subjuga e explora aqueles que não se encaixam nos padrões modernos de pensamento.

No mesmo sentido, o Núcleo Escola (figura 3 e 4), na exposição, explora como a instituição escolar atua como produtora e reprodutora de conhecimento, refletindo muitas vezes as dinâmicas da colonialidade do ser. É na escola que os jovens começam a perceber como comportamentos e valores são moldados de acordo com padrões sociais dominantes.

Por meio dessa formação, são introduzidas as realidades marcadas por desigualdades sociais, e é nesse ambiente que se inicia a reflexão sobre questões como a construção da identidade nacional e o papel do Estado na formação do indivíduo. Assim, a exposição sugere que, mesmo na educação, persistem estruturas coloniais que moldam subjetividades e perpetuam desigualdades, reforçando a necessidade de uma crítica sobre como esses espaços reproduzem a colonialidade.

Figura 3: Registro fotográfico núcleo Escola



Fonte: Exposição Brasil: vermelho como Brasa, 2022.

Figura 4: Registro fotográfico núcleo Escola



Fonte: Exposição Brasil: vermelho como Brasa, 2022.

Torres (2007), a fim de exemplificar essa problemática do que pode ser considerado verdadeiro como conhecimento, utiliza a análise de Dussel (1994) do "ego conquiro" para contrastar com o famoso enunciado cartesiano "penso, logo existo". No contexto da colonialidade do ser, o "ego conquiro" representa a validação de um único pensamento, que é usado para negar a existência e a validade de outros modos de pensar.

Por trás do enunciado "penso, logo existo", há uma subtextualização de que apenas aqueles que pensam de acordo com os padrões modernos de pensamento têm direito à existência plena, enquanto outros são desqualificados e considerados dispensáveis. Essa dinâmica reflete a lógica da colonialidade, na qual a dominação e a exploração são justificadas com base em sistemas de pensamento hegemônicos e excludentes.

A "colonialidade do gênero e da sexualidade" constitui outra dimensão das lógicas de dominação, embora ainda se encontre marginalizada nos estudos decoloniais. Essa abordagem reconhece a interseção entre gênero e poder como fundamentais para compreender a estruturação das relações de dominação na modernidade/colonialidade.

Apesar da insuficiente historicização das relações de gênero e do tratamento limitado dessa questão nos debates decoloniais, algumas pesquisadoras, como Zulma Palermo (2006), têm articulado as perspectivas decoloniais com o feminismo. Essas contribuições destacam a necessidade de abordar a opressão de gênero de forma integrada às demais dimensões da colonialidade.

A autora Silvia Federici (2023) lida com o recorte de gênero aliado à construção do sistema capitalista, em que, de acordo com a escritora, confina mulheres em posição laboral doméstica e reprodutiva, e reconhece essas atividades como um dos pilares da produção capitalista. O sistema capitalista age enquanto regulador das divisões de gênero e na construção e normatização de uma família nuclear, com papéis muito bem designados.

Nesse contexto, o Núcleo Casa, na exposição, problematiza como o sistema capitalista e patriarcal transpôs as relações de poder presentes na sociedade para o espaço doméstico. A partir da divisão desigual de tarefas, da violência doméstica e do sincretismo religioso, o núcleo revela que o lar, frequentemente idealizado como um espaço de acolhimento, muitas vezes se torna um local de opressão e conflito.

Essa abordagem crítica evidencia como a casa, longe de ser apenas um refúgio, reflete e perpetua as desigualdades de gênero e as dinâmicas de colonialidade, destacando que as relações de poder presentes na esfera pública também moldam, de maneira direta, as vivências e subjetividades no espaço privado. As diversas representações presentes no núcleo (figura 5) reforçam a necessidade de repensar o papel do lar na construção de identidades e dinâmicas sociais.

Figura 5: Registro fotográfico núcleo Casa



Fonte: Exposição Brasil: vermelho como Brasa, 2022.

Os avanços na expansão teórica dos estudos decoloniais incluem esforços para recuperar e assentar um pensamento crítico latino-americano deveras negligenciado. Neste sentido, a expansão dos estudos decoloniais está associada à pesquisa histórica, tanto em termos de marcos de processos globais quanto de estudos de casos localizados.

Autores como Enrique Dussel (1994) têm contribuído significativamente para a compreensão da colonialidade nas pesquisas históricas, enfatizando a construção das identidades latino-americanas e os processos de constituição da colonialidade do poder na região.

Esses mesmos princípios estão presentes na proposta expográfica da exposição, que ecoa o movimento decolonial ao questionar os padrões universalistas eurocêntricos. A exposição valoriza a pluralidade cultural e histórica como uma estratégia para desafiar sistemas de opressão e promover a emancipação cultural. Esse "giro decolonial"⁸, que se populariza no Brasil, reflete a influência do pensamento crítico latino-americano do século XX, mostrando-se cada vez mais relevante como uma abordagem contemporânea nas Ciências Sociais.

Assim como os estudos decoloniais, a exposição busca abrir espaço para narrativas plurais que rompam com estruturas de poder coloniais, oferecendo ao público uma oportunidade de repensar a história e as identidades nacionais a partir de perspectivas diversificadas e menos hegemônicas.

No contexto do Brasil contemporâneo, a presença de ideologias racistas dificulta o avanço do movimento decolonial. Clóvis Moura (2019) destaca que, mesmo após o fim da escravidão, a estrutura sistêmica de dominação permanece, perpetuando mecanismos de opressão. O genocídio de pessoas negras e povos indígenas continua ocorrendo por meio de políticas discriminatórias e remoções territoriais.

Além das implicações econômicas, há uma ferida ontológica na sociedade brasileira relacionada à identidade e lugar do negro. Sueli Carneiro (2015) destaca a falta de uma identidade definida para os negros no Brasil, com diversas categorias como "moreno-escuro" e "mulato", que servem para distanciar da negritude em busca de maior aceitação dos brancos.

Essa falta de uma identidade definida corrobora para a defasagem na organização dos movimentos negros e para uma menor estima acerca da identidade negra, o que

⁸ Termo cunhado por Nelson Maldonado-Torres que questiona as hierarquias de poder e saber herdadas do colonialismo, propondo alternativas à lógica eurocêntrica da modernidade e valorizando saberes plurais e locais. (Torres, 2007)

contribui para uma exclusão social, impossibilitando a ascensão do que quer que seja próximo de uma negritude ou não tenha descendido da branquitude direta ou indiretamente. Desse modo, fica inviável que a sociedade se desenvolva de forma essencialmente social e inclusiva, se limitando mais a pequenas revoltas do que a uma revolução de fato.

Santiago Castro-Gómez (2010) investigou a colonialidade do poder em contextos locais, destacando sua constituição e articulação com outras forças, incluindo processos globais. Seus estudos examinam a Nova Granada do século 18 ao início do século 20, além de Bogotá nas primeiras décadas do século 20. Ele busca conectar as ideias de Quijano com o método foucaultiano para entender como a colonialidade se articula com dispositivos históricos de poder/saber, já que Foucault disserta abundantemente sobre as relações de poder e afirma que “Viver em sociedade é, de qualquer maneira, viver de modo que seja possível a alguns agirem sobre a ação dos outros. Uma sociedade “sem relações de poder” só pode ser uma abstração”. (Foucault, 1995, p. 245-246).

Em suma, a exposição questiona e desafia as relações de poder desde sua ideia e durante toda a sua execução, entregando um projeto que cativa já ao escolher o título "Brasil: Vermelho como Brasa", desafiando a imagem tradicionalmente associada ao verde e amarelo, que na modernidade foi também símbolo da opressão e conservadorismo.

Projetos com essa envergadura deixam evidente como uma sociedade sem relações autoritárias não passa de uma idealização, sendo necessário percebê-las para então agir de forma contrária, ação que passa por complexos desafios, visto que desde o imagético do orgulhoso verde e amarelo descende dessa colonização.

Considerações finais

A exposição curricular “Brasil: Vermelho como Brasa” aborda criticamente os processos sociais, políticos e históricos que moldaram o conceito de Brasil e brasilidade, questionando estas narrativas atravessadas pelos enunciados hegemônicos e sua influência na construção e representação de uma identidade nacional.

Ao escolher essa temática que é fortificada através de estudos decoloniais, a exposição trabalha a fundamentação teórica de forma a trazer à luz as discussões decoloniais, no que diz respeito a reflexão conjuntamente a proposição de rompimento

de padrões eurocêntricos e a valorização da diversidade como ferramenta para contestar a opressão sistêmica.

O artigo apresenta outras esferas no que tange os estudos coloniais e as discussões dos estudos pós-coloniais e seu impacto, e conseqüentemente, compreensão sobre exclusão e desigualdade histórica entre diferentes segmentos da população brasileira.

Pretende-se, com este artigo, contribuir para o estudo sobre exposições, assim como, evidenciar a contribuição que um projeto expográfico pode proporcionar para debates dentro e fora do meio acadêmico. Auxiliar no que concerne à análise e reflexão da fundamentação teórica do projeto expográfico de exposição curricular, fomentando e agregando as ideias articuladas. Deste modo, este escrito pode desempenhar um papel de facilitador na compreensão processual sobre a expografia para futuros alunos-curadores ou interessados no que confere o âmbito museológico incorporando a argumentação, estes exercícios acadêmicos como ferramenta de debate de forma direcionada e, ao mesmo tempo, em reflexo com a sociedade.

Referências

ALIMONDA, Héctor. **La naturaleza colonizada: ecología política y minería en América Latina**. Ediciones Ciccus, 2011.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. Selo Negro, 2015.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La hybris del punto cero: ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816)**. Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2010. DA COSTA, Wanderley Messias. **Geografia Política e Geopolítica: Discursos sobre o Território e o Poder**. EdUSP, 2008.

ESCOBAR, Arturo. **Más allá del tercer mundo: globalización y diferencia**. Bogotá, Colômbia, 2005.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Editora Elefante, 2023.

FOUCAULT, M. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. Michel Foucault – uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

GUHA, Ranajit. Prefácio a los estudios subalternos. In: FREIRE, Raúl Rodríguez(comp.). **La (re)vuelta de los Estudios Subalternos. Una cartografía a(des)tiempo, Antofagasta**. Santiago: Ocho Libros/Universidad Católica del Norte,2011.

HOBBSAWM, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780**, “As transformações do nacionalismo: 1870-1918”; tradução de. Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

KERN, Alicia Manoela dos Santos et al . **PROJETO DE EXPOSIÇÃO CURRICULAR**

Brasil: vermelho como brasa. 2022. 12 f. Projeto de Exposição Curricular PEC - Curso de Museologia, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://memoriamslufrgs.online/tainacan/exposicoes-curriculares/copia-digital-do-projeto-da-exposicao-curricular-brasil-vermelho-como-brasa/>. Acesso em 27 de abril 2024.

LANDER, Edgardo. La colonialidad del saber: eurocentrismos y ciencias sociales. **Perspectivas latinoamericanas**, p. 145-162, 2000.

LANDER, Edgardo. La utopía del mercado total y el poder imperial. **Revista venezolana de economía y ciencias sociales**, v. 8, n. 2, 2002.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**, p. 127-167, 2007.

MOURA, Clóvis. **Memórias de Sparkenbroke: Fora do tempo**. SciELO-Editora UNESP, 2019.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PALERMO, Zulma. Inscripción de la crítica de género en procesos de descolonización. **Cuerpo (s) de mujer. Representación simbólica y crítica cultural**, v. 1, 2006.

POPPELAARS, Antonius. “Sua Voz é Cheia de Dinheiro”: um amor abatido pela ambição e esnobismo do sonho americano em O Grande Gatsby. I AMOLIT, I Congresso Nacional sobre amores literários, Paraíba. 2021.

QUIJANO, Aníbal. “**Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**”. LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. CLACSO, Buenos Aires, Argentina. 2005.

QUINTERO, Pablo; FIGUEIRA, Patrícia; ELIZALDE, Paz Concha. **Uma breve história dos estudos decoloniais**. São Paulo: MASP Afterall, 2019.

ROSSI, Pedro et al. Austeridade fiscal e o financiamento da educação no Brasil. **Educação & Sociedade**, v. 40, p. e0223456, 2019. SOBRE O MUSEU. Museu UFRGS. 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/museu/sobre-o-museu/>. Acesso em 24 de abril 2024.